



**INFÂNCIAS EM CONTEXTO
DE EMERGÊNCIA PLANETÁRIA**
COLÓQUIO INTERNACIONAL

RESUMOS

GRUPOS DE TRABALHO

INFÂNCIAS EM CONTEXTO DE EMERGÊNCIA PLANETÁRIA
"DESEMPAREDAMENTO E DECOLONIALIDADE"

INFÂNCIAS EM CONTEXTO DE EMERGÊNCIA PLANETÁRIA

“Desemparedamento e Decolonialidade”

Ana Lúcia Rodrigues

Minibio: Professora da Educação Infantil da Escola Oga Mitá desde 2012. Graduada em Pedagogia pela UNESA (2012), Especialista em Educação Infantil pela PUC-RIO (2013), Psicomotricista Educacional na Abordagem da TransPsicomotricidade IFHT/ UERJ (2013), formação em Arte Educação pelo FORMAe (2014). Mestranda e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental, Gitaka (UNIRIO).

Título: PRÁTICAS EDUCATIVAS EM LIBERDADE: NARRATIVAS E BRINCANÇAS COM CRIANÇAS-NATUREZAS

Resumo: De uma infância imersa na natureza, nasce a vontade de pesquisar sobre a potência de uma educação desemparedada e em liberdade. Uma educação emergente, onde “A vida se prepara pela vida” (Freinet, 1977, p.87). Nesse caminhar, vou tecendo as tramas que atravessam narrativas da minha experiência com crianças de 1 a 3 anos no quintal da escola. A pesquisa tem como foco a relação das crianças com o vento, a terra, a água, o sol, a chuva, o céu e todas as outras manifestações da natureza, no intuito de observar, investigar e refletir sobre o direito das crianças brincarem livremente em espaços abertos, desmistificando concepções que separam a aprendizagem do brincar, a saúde da natureza e a alegria da busca pelo conhecimento. Escrevo trançando fios e o desenho que surge da costura, vem da inquietação ao perceber o comportamento angustiante das crianças em espaços emparedados. Diante dos corpos irritadiços, emerge a necessidade de investigar sobre o desemparedamento das crianças. Como os espaços naturais podem potencializar a liberdade dos corpos de criar, imaginar e construir conhecimento? É tecendo um emaranhado de encontros entre seres humanos e todas as outras formas de vida que pretendo responder a esta pergunta, usando a Metodologia da Cartografia e da Narrativa, trançando outros modos de educar em contato com a natureza.

Palavras-chave: criança; natureza; brincar; desemparedamento; educação infantil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5942634564763532>

Carolina Machado Castelli

Minibio: Graduada em Pedagogia (2010) pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Especialista em Educação Infantil (2013), Mestra (2015) e Doutora em Educação (2019) pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Atua como pedagoga no Núcleo de Desenvolvimento Infantil do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - NDI/CED/UFSC.

Título: Bebês e crianças bem pequenas de mãos dadas com a natureza na educação infantil

Resumo: Esta investigação foi concebida a partir do questionamento quanto à possibilidade de contato de crianças bem pequenas e bebês com a natureza no contexto da educação infantil. A partir de um estudo empírico, de caráter qualitativo, buscou-se compreender como crianças bem pequenas e bebês podem se relacionar com a natureza na educação infantil e quais os desdobramentos dessa relação para eles. Como objetivos específicos, foram investigados possibilidades e desafios na promoção desse contato e indicados elementos que possam embasar a presença da natureza no trabalho pedagógico desenvolvido com essa faixa etária. Os dados foram gerados a partir de observações e registros (escritos, fotográficos e audiovisuais), entrevistas e documentos (GRAUE; WALSH, 2003), em uma escola de educação infantil, acompanhando grupos de crianças bem pequenas e bebês que, junto às suas professoras, mantinham contato frequente com a natureza. Foram centrais para a discussão, sobretudo, os escritos da educadora ambientalista Léa Tiriba (2005; 2010; 2018), a filosofia de Espinosa (2017), autores da Pedagogia e outros da Psicologia Histórico-Cultural. Foi evidenciado que o contato de crianças bem pequenas e bebês com a natureza na educação infantil, em espaços com natureza ou por meio de materiais e brinquedos, pode provocar, a partir das ações das crianças e das proposições das professoras, relações afetivas, que aumentam a potência de agir das crianças, dentre as quais foram destacadas relações concernentes à aprendizagem. E, a partir do que a teoria e o campo demonstraram, foi possível indicar, também, o quanto essa relação é importante para as crianças, desde bebês, e para a natureza.

Palavras-chave: Bebês. Crianças bem pequenas. Natureza. Educação infantil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8232213854803410>

Claudia de Mello¹ e Raianne Bernardo²

Minibio¹: Graduada em História pela USU-RJ, tem Especialização em Educação Infantil pela PUC-RJ e é mestre em Desenvolvimento Sustentável, Educação e Gestão Ambiental pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da UNB. Desde fevereiro de 2012, é servidora da FUNAI - Fundação Nacional do Índio, lotada na sede, em Brasília-DF.

Minibio²: Professora na Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro . Mestre em Educação pela UNIRIO. Especialista em Educação Psicomotora pelo colégio Pedro II. Pedagoga pela UFRJ.

Título: Infâncias Planetárias: diálogos entre a filosofia Montessoriana e a tradicionalidade Tupi e Quilombola

Resumo: As educadoras/pesquisadoras se propõem a apresentar alguns dos muitos pontos de convergência entre seus campos de estudo: o conceito de trabalho, na visão quilombola de Nego Bispo, em diálogo com Montessori; a não dicotomia entre o brincar e o trabalhar que a criança executa na construção de si mesma, impulsionada pelo seu interesse de conhecer o mundo e sua capacidade de concentração; a confluência entre o conceito de biointeração de Santos (Nego Bispo), o de biofilia, o amor ao ambiente, em Montessori e a sabedoria Tupi, que se fundamenta na percepção do planeta como a Grande Mãe que nos acolhe e alimenta, uma consciência que gera e mantém, percepção que é base da existência física e espiritual que se constitui a partir da observação, da lida e da conexão direta com a expressão do que somos, que está fora para se ver. Finalmente, as educadoras pretendem dar foco na “educação ao contrário”, a possibilidade de aprendermos com as crianças e a importância da observação.

Palavras-chave:

Lattes¹: <http://lattes.cnpq.br/8865284205341365>

Lattes²: <http://lattes.cnpq.br/0670000765307164>

Dafne Rozencwaig

Minibio: Mestre em Educação pelo PPGEdu/UNIRIO, licenciada em Pedagogia e Bacharel em Design. Em sua trajetória ativista, acadêmica e profissional trabalha junto a populações de base comunitária, sendo elas rurais ou tradicionais, na interface com as temáticas da educação ambiental crítica, a educação popular, a comunicação popular e a agroecologia.

Título: Crianças-Cosmos: uma pesquisa com crianças do campo em seus terreiros.

Resumo: Este estudo é a afirmação da vida em compartilhamento com o cosmos. Algo que parece evidente, mas não é dada à postura antropocêntrica que marca as relações com as outras formas de vida, no cotidiano, na ciência e na política. Forjadas/os na lógica colonialista, fragmentada, epistemicida e cosmofóbica, tais posicionamentos nos afastam da condição de seres que se constituem em estado de interconexão com o cosmos, de acoplamento com as demais ontologias. Esta pesquisa se debruça sobre a relação crianças-cosmos em contexto de base comunitária, na luta agroecológica. Investiga a relação de um grupo de crianças camponesas, moradoras do assentamento Visconde - localizado no município de Casimiro de Abreu /RJ, com suas mães, avó e outros seres cosmológicos. Algumas inquietações mobilizam o caminhar investigativo: como se dá a relação entre as crianças e o cosmos? Como é a interação delas com os seres cosmológicos em seus sítios-terreiros? Como as crianças expressam seus saberes e descobertas? Trata-se de um estudo inspirado nas pesquisas narrativa e participante, apoiadas na fabulação especulativa como dispositivo narrativo de uma pesquisadora cambono. Os aportes prático-teóricos são encontrados nas cosmologias originárias e tradicionais, nos campos de estudo da antropologia da criança e da sociologia da infância, nas filosofias contra-hegemônicas e no perspectivismo ameríndio, como nas sabedorias das crianças e das mulheres parceiras da investigação. A pesquisa anuncia a urgência de uma abertura dos estudos da infância para as ontologias e para as cosmologias dos povos cuja existência humano-cosmológica é expressa na oralidade em terreiros-territórios encharcados de ancestralidade.

Palavras-Chave: Crianças-Cosmos; Assentamento; Educação Ambiental, Agroecologia; Infâncias-Natureza; Infâncias do Campo.

Disponível em: https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22022/03_dafne-rozencwaig-de-faria-e-souza

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7681368369565478>

Dayanne Batista Sampaio

Minibio: Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente e mestrado na mesma área. Graduada em Psicologia. Atua na área de Psicologia Ambiental e Conservação com comunidades do Delta do Parnaíba. É professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba/UFDPar.

Resumo: Este trabalho resulta de um processo de pesquisa de doutorado com crianças ribeirinhas da Reserva Extrativista (Resex) Marinha do Delta do Parnaíba. Partindo da teoria

contra hegemônica de Tim Ingold, de base antropológica e fenomenológica, objetivamos compreender a percepção ambiental de crianças da Resex. Fizeram parte do diálogo teórico, outros teóricos importantes, como Nego Bispo, Ailton Krenak, Spinoza, o poeta Manoel de Barros e Gandhi Piorski. A pesquisa retrata os modos de habitar de crianças das cinco comunidades que integram a unidade de conservação (UC). É um convite para uma escuta da vida acontecendo, a qual aponta crianças íntimas aos seus modos de vida que integram os outros seres na sua percepção ambiental. Estes, por sua vez, compõem e partilham a vida com os seres humanos. Esta percepção é formada cotidianamente no processo de habitar através do exercício da corporalidade, por meio do brincar. Além disso, a vivência com as crianças indicou que a composição da vida é ampla e que tudo o que nos ajuda a viver também vive. Logo, o céu, a terra, o ar, a água e outras substâncias são fluxos de vida que compartilhamos.

Palavras-chave: crianças ribeirinhas; percepção ambiental; modos de habitar.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4847047684256621>

Artigo disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/14967>

Elena Gelli Castello

Minibio: A partir de um percurso como pesquisadora e educadora em projetos de educação formal e não formal com crianças na natureza desde 2016, hoje atua como mestrandia em educação pela FEUSP e realiza uma etnografia em parceria com uma EMEI antirracista em São Paulo, dando atenção às brincadeiras das crianças com a natureza. Mestrado em andamento na FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Título: “Tatu bolinha é importante na escola que as crianças pegam”: brincadeiras de crianças com a natureza em uma EMEI antirracista.

Resumo: Este trabalho é fruto de pesquisa de mestrado em andamento, junto à FEUSP, realizada em duas instituições de Educação Infantil do estado de São Paulo, no campo dos estudos sociais da infância, da educação e dos estudos do imaginário (BACHELARD, 1993;

DURAND, 2012), com foco nas brincadeiras infantis em sua dimensão expressiva de poéticas e discursividades. Pretende-se evidenciar relações em coautoria com professoras/es e

crianças na articulação do agir educativo, a partir das criações do brincar e do exercício da poética na educação (OLIVEIRA, 2022; FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2019). As pesquisas de campo analisadas se deram com base no estudo de caso etnográfico (LUDKE; ANDRÉ, 1986) a partir de observação participante e de registro descritivo e fotográfico das brincadeiras das crianças. A primeira experiência se deu por seis meses (em 2022), com foco em uma brincadeira elaborada por um grupo infantil composto por doze crianças entre um e seis anos, e nove educadoras/es de uma instituição de Educação Infantil privada, com proposta pedagógica no livre brincar na natureza e na observação das elaborações das crianças. Local em que também atuava como educadora a pesquisadora Elena Castello. A segunda experiência de campo, ao longo de 2023, foi em uma turma de trinta e duas crianças entre quatro e seis anos, de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), com proposta pedagógica antirracista, práticas de registro e projetos educativos de valorização das identidades negras.

Palavras-chaves: Infâncias; imaginário; brincar.

Disponível em: <https://proceedings.science/grupeci-2023/autores/elena-castello?lang=pt-br>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5848972654880864>

Inés Gómez Menéndez

Minibio: Graduada em Ingeniería del Medio Natural em Madri, fez mestrado em Ecoturismo e Conservação na UNIRIO, com foco no reconhecimento do humano como natureza como ponto de partida em educação ambiental. Amante da agroecologia, atualmente pesquisa sobre ruralidades na Espanha e vias de relação do ser-vida-terra, e atua como professora.

Título: EXPERIMENTAR-SE NATUREZA

Resumo: Partindo do estranhamento da Natureza como lugar alheio, essa pesquisa busca colaborar com a compreensão sobre formas de promover o reconhecimento da natureza-humana como natureza-ambiente. Para isso, investigamos a consolidação da separação entre cultura e natureza na concepção hegemônica ocidental. Desdobramos a ideia de separação nos conceitos de alienação (não identificação do humano com o natural) e

afastamento (falta de contato direto e experimentação). E consideramos a educação como meio que permite perpetuar essa separação ou abrir espaços para a experimentação da própria natureza em relação com as outras naturezas do mundo. Como alternativa à imposição de uma única forma possível de existência, do resultado esperado e do caminho marcado, investigamos estratégias para estimular a emergência da criatividade através de todas as dimensões que são naturais em nós. Abordamos a sensopercepção para investigar o que o corpo pode sentir e mover. E sugerimos o brincar como possibilidade de experimentação da espontaneidade, para criar vínculos com o mundo.

Palavras-chave: Ser Humano/Natureza. Educação ao ar livre. Sensopercepção.

Disponível em: <https://shorturl.at/FIY03>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1018144415966264>

Joelma Cerqueira

Minibio: Professora do IFES campus de Alegre, graduada em pedagogia pela UFES, Mestre em Children and Youth Studies pela University College Dublin e Doutora em Educação pela UFMG. Atuou como professora e pedagoga na educação infantil e nos anos iniciais em diversas escolas públicas do Espírito Santo.

Título: Percepções das crianças sobre os espaços públicos de uma cidade pequena

Resumo: O presente trabalho parte da pesquisa “Infância em Alegre (ES): A circulação de crianças em uma cidade pequena”¹, que teve como objetivo analisar as formas das crianças se relacionarem com os espaços públicos de uma cidade pequena no Brasil, a partir de sua circulação cotidiana. Pretendeu-se, ao compreender as infâncias e suas experiências urbanas, cotejar elementos entre os campos dos estudos urbanos e dos estudos da infância, com ênfase na circulação e apropriação dos espaços públicos pelas crianças. Quanto à metodologia, se constituiu de uma abordagem qualitativa, de orientação etnográfica, por meio da etnografia em movimento, utilizando métodos participativos e visuais. Uma das etapas do trabalho de campo foi o acompanhamento sistemático de oito crianças em seus momentos de circulação cotidiana nos espaços públicos da cidade, como lazer, festas e o trajeto casa-escola. Aspectos referentes à circulação das crianças, sua presença e ação social na cidade, em especial através da relação com a natureza, emergiram durante a realização desse trabalho. A compreensão pelas crianças que vivem em cidades pequenas, das formas do que emerge pela circulação no espaço urbano,

inspirou esse trabalho, compondo uma análise em dupla escala, a perspectiva infantil e a escala urbana em cidades pequenas.

¹Realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Palavras-chave: crianças; circulação; cidade pequena; natureza.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4399137445126978>

Joice Coutinho

Minibio: Professora Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), membro do Grupo de Pesquisa Geografia da Infância (GRUPEGI- UFF) e Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GITAKA- UNIRIO).

Título: À sombra das árvores: andanças, brincanças e sabenças com as crianças de Rio Bonito-RJ

Resumo: O presente estudo teve como objetivo pesquisar o que podemos aprender com as crianças quando estão em estado de liberdade, brincando em espaços públicos da cidade. Com o interesse em investigar como é ser criança em Rio Bonito (RJ), de que brincam, onde e como brincam; como se relacionam nesse brincar entre si, com as árvores, as águas, os animais e com os demais seres vivos. O que nós, professores, e as escolas, podemos aprender com elas, quando brincam em liberdade? Trata-se de uma pesquisa narrativa que foi realizada andareilhando, brincando, conversando e convivendo com as crianças. As referências teóricas são encontradas em Spinoza (2020), Tiriba (2005, 2018, 2010), Lopes (2005, 2008, 2009, 2021), Freire (1983, 1995) dentre outros estudos das/com as infâncias. As experiências podem apontar para novas formas de educar e de organizar os espaços e os tempos escolares numa perspectiva não cartesiana, não antropocêntrica, mais sensível, coletiva, dialógica, ecológica e mais conectada com a natureza de que somos parte.

Palavras-chave: Crianças; Território; Vivências; Natureza; Brincadeiras ao ar livre.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5742949562000131>

Juliana Lessa¹, Amanda Vollger², Jéssica Pereira³, Giovana Barge⁴ e Júlia Silva⁵

Minibio¹: Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC), com período sanduíche no Programa Doutoral da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto/Portugal (FPCEUP). Mestre em Educação e Pedagogia (PPGE/UFSC). Atualmente, é professora temporária do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (FAED/UDESC)

Minibio²: Pedagoga pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Especialista em Educação Psicomotora pelo Colégio Pedro II. Atualmente é professora adjunta de Educação Infantil vinculada à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ). Ao longo da sua graduação, foi bolsista de iniciação científica (2017-2020) e participou de ações de pesquisa, monitoria e extensão junto ao Grupo de Pesquisas "Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental" (GiTaKa/UNIRIO). É amante dos estudos relacionados à Educação Ambiental, Corporeidade, Educação Indígena e Práticas educativas populares, brincantes, contracoloniais.

Minibio³: Jéssica Pereira é pedagoga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), está mestranda em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/UERJ). Atuou em projetos de pesquisa de iniciação científica no contexto do Grupo Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GITAKA/UNIRIO) sobre as relações entre crianças, território, infância-natureza e crianças e adultos nas culturas indígenas do sudeste brasileiro. Atualmente pesquisa a articulação entre performance, infância e reexistência em culturas comunitárias periféricas.

Minibio⁴: Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Possui experiência em pesquisa na área de Educação, como bolsista de iniciação científica, com ênfase em infâncias e nos modos de educar as crianças entre povos indígenas brasileiros.

Minibio⁵: Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista de Iniciação Científica, desenvolvendo o plano de estudo, Educação Escolar Indígena: Infâncias e Natureza Por Cosmovisões Nativas, sob orientação da professora Léa Tiriba (PPGEdu/UNIRIO). Integrante do Grupo de Pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GiTaKa).

Título: Educação Infantil em territórios de “buen vivir”: interlocuções entre a cidade e o campo/aldeia

Resumo: O presente projeto de pesquisa situa-se na interface dos estudos da Educação Infantil, Educação Ambiental e Educação Escolar Indígena e busca discutir e propor proposições educativas que superem a lógica eurocêntrica e possam abranger a perspectiva de nossos povos originários, sustentada em uma inter-relação com a natureza. A partir de epistemologias próprias dos povos indígenas brasileiros busca-se analisar princípios, valores, conceitos que orientam o cuidado e a educação das crianças e que vêm sustentando preceitos de uma pedagogia biofílica (TIRIBA; PROFICE, 2023; PROFICE, 2010), desemparedada, crítica ao projeto colonialista e ambientalmente comprometida (TIRIBA, 2014). A pesquisa será realizada em duas etapas: na primeira, será realizado um levantamento bibliográfico dos

trabalhos produzidos nas últimas décadas, no âmbito do GITAKA, seus parceiros, suas produções e formulações teórico-metodológicas, em diálogo com produções teóricas de autores/as nativos/as brasileiros/as que abordam concepções de natureza, infância e saberes ancestrais, e que fundamentam a educação de povos indígenas no Brasil. O objetivo consistirá em identificar subsídios que possam orientar práticas pedagógicas em contextos

urbanos, na contramão dos pressupostos ontológicos, epistemológicos e antropológicos, alimentadores de valores caros à modernidade, como o individualismo, o racionalismo, consumismo e antropocentrismo. Concomitante à primeira etapa, será realizada uma segunda, que compreende a realização de uma pesquisa-intervenção em contextos de escolas urbanas, cujos dados serão gerados a partir do método da cartografia, no qual as direções da pesquisa vão sendo construídas a partir do acompanhamento dos processos e percursos a serem percorridos. A intervenção consistirá na realização de oficinas-brincanças em duas escolas municipais, situadas em área de proteção ambiental urbana da cidade do Rio de Janeiro, planejadas e realizadas com estudantes das disciplinas “Educação infantil” e “Estágio Supervisionado em Educação Infantil” do curso de graduação em Pedagogia da UNIRIO. No âmbito do GITAKA, essas intervenções vêm se constituindo como alternativas ao modelo escolar eurocêntrico, uma vez que evidenciam perspectivas ontológicas e epistemológicas, pertencimentos culturais que foram historicamente invisibilizados e silenciados.

Palavras-chave: Educação Infantil, Educação Escolar Indígena, Cultura ambiental, Culturas originárias, Formação de professores.

Lattes1: <http://lattes.cnpq.br/3425730778178309>

Lattes2: <http://lattes.cnpq.br/5703963843543507>

Lattes3: <http://lattes.cnpq.br/9854074347431816>

Lattes4: <https://lattes.cnpq.br/5774562173153721>

Lattes5: <http://lattes.cnpq.br/5203590969650755>

Karin Alburquerque

Minibio: Professora de Educação Infantil da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Título: NA CRECHE: COMPOSIÇÕES ENTRE CORPOS NATUREZA

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo acompanhar e analisar os afetos manifestados pelos bebês e crianças pequenas, em seus potenciais expressivos nas relações que nasceram nos encontros entre seus corpos e os outros modos da Natureza; observando as intensidades e as forças que são vividas nos acontecimentos destes encontros. A pesquisa ocorreu no território de uma Creche Municipal do Rio de Janeiro, tomando a cartografia como caminho metodológico. Proponho, neste processo, olhar para o ser integrado, *corponatureza*, considerando os Seres animais, Seres vegetais e Fenômenos Naturais como corpos que se agenciam e se compõem com humanos que também são Natureza. Corposnatureza, que na rede de relações da vida, estabelece trocas, expansão e contração da potência de viver nas infinitas possibilidades de encontros, afetos, experiências que transformam estes corpos em relação. O que justifica essa pesquisa é o desejo de acompanhar as potências que emergem do entrelaçar dos corpos nos encontros, defendendo que é por meio das afecções que conhecemos o mundo e que produzimos também outros mundos, considerando, portanto, a produção de conhecimento que nasce das afecções entre esses corpos. Inspirada por Spinoza, Stern, Deleuze e Guattari, entre outros, as discussões serão pautadas no entendimento do corpo e mente indissociáveis, compreendendo o afeto como a ideia manifestada do corpo, a afecção sendo o próprio pensamento do corpo. Algumas inquietações mobilizam o caminhar investigativo: como o corpo do bebê e crianças pequenas em seus afetos vividos se expressa nas relações entre corposnatureza? Como perceber os afetos que perpassam esse corpo? Como a potência

de existir aumenta ou diminui nos encontros entre corpos/natureza na Creche? O que os bebês podem nos ensinar com o seu corpo/natureza, com seus desejos, com suas sensações, com seus afetos? Para tal, acompanhei os bebês e crianças pequenas durante quatro meses em suas composições, principalmente no quintal da Creche Municipal Aracy Guimarães Rosa, observando atentamente os bebês em seus movimentos livres, em seus desejos e atenção, buscando compreender os afetos manifestados nesses encontros, constituindo assim uma metodologia a partir dos acontecimentos. Os bebês e crianças pequenas foram “escutados” a partir de seus afetos, no acompanhamento dos efeitos do próprio percurso de investigação. Efeitos sobre eles, sobre mim e sobre a produção de conhecimento que nasceu nesse campo da imanência.

Palavras-chave: Bebês. Corpo/natureza. Afeto. Natureza. Corpo.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6417680282352189>

Katia Bizzo Schaefer¹ e Isis Cavalcante²

Minibio¹: Coordenadora Geral do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) e professora e coordenadora do curso de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, ambos no Colégio Pedro II. Doutora em Educação pela UERJ (2015), mestre em Educação pela UERJ (2009), Psicomotricista clínica pela Aíón Formação em Psicomotricidade (2022), Transpsicomotricista educacional pela UERJ (2006), especialista em Atendimento Educacional Especializado e Educação Especial pela Faculdade Única de Ipatinga (2020), especialista em Educação Infantil pela PUC/RJ (2005), bacharel em Pedagogia (2003) e em Marketing (1993).

Minibio²: Amante de praia, escorpiana, historiadora da arte pela UFRJ, dançante, professora de arte do ensino básico, mestra em Educação pelo PPGEdu - UNIRIO, tem interesse em pesquisar sobre o corpo na educação.

Título: Corpografias Pedagógicas: lugares do corpo na formação de educadoras/es

Resumo: Este trabalho tem a intenção de investigar os benefícios de uma formação que considere a importância do corpo nos processos de construção de conhecimentos na contemporaneidade. A partir de vivências com graduandos de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em uma disciplina obrigatória intitulada “Corpo e Movimento”, a intenção é a de refletir sobre em que medida o corpo em movimento poderia

reinventar os processos pedagógicos de formação de educadores. O referencial metodológico cartográfico busca reafirmar a unidade mente-corpo, teoria-prática, preencher saberes com diferentes sentidos, superar dicotomias e potencializar aprendizagens. Apoiada em autores que, na contramão do cartesianismo, assumem a unidade corpo-mente (Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari), assim como em teóricos críticos do colonialismo (Luiz Rufino e Léa Tiriba), entre outros. A pesquisa busca possíveis caminhos da relação entre corpo e educação, entendendo a concepção de conhecimento como uma prática de corpo inteiro, rompendo com a lógica cartesiana e disciplinar que ainda está na base da educação brasileira.

Palavras-chaves: Corpo; Movimento; Formação de Professores; Pedagogia.

Lattes¹: <http://lattes.cnpq.br/2266965254717709>

Lattes²: <http://lattes.cnpq.br/2151146324432671>

Lucia Cavaleri¹ e Rafael Cruz²

Minibio¹: Dedicou-se ao Magistério do Ensino Superior na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF) desde 2013. Em 2021/2022 realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da UNIRIO na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias, junto ao Grupo Infâncias, Tradição Ancestral e Cultura Ambiental (GiTaKa).

Minibio²: Doutorando em Educação pela Unirio, membro do GiTaKa. Mestre em Educação e Sociedade pelo Iscte-IUL (Lisboa). Bacharelado em Artes Cênicas com habilitação em Interpretação Teatral pela Unirio. Pós-graduado em Educação Sistêmica pela UniBF e MBA em Gestão do Terceiro Setor pela Facinter. Graduando em Pedagogia pela UniBF. Coordenador da Vivência afirmativa em Floresta-Escola pela PPL.

Título: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PELOS QUINTAIS-TERREIROS

Resumo: Neste artigo/ensaio interpelamos a educação ambiental a partir das frestas por onde fluem a cosmofobia, o encantamento, os terreiros e as crianças. No jogo político da vida, a natureza, o mistério, as dobras do tempo e a fundação dos espaços-mundos têm uma agência educadora no interior das naturezas-culturas indígenas, tradicionais e afropindorâmicas. Não há idealização de uma natureza prístina e nem de um bom selvagem que a habite sem contradições; há narrativas, invenções, escutas ancestrais, diálogos pluriépistêmicos em rasura. O objetivo deste artigo é compartilhar algumas

reflexões acerca dos quintais de uma comunidade tradicional caiçara em diálogo com os quintais que compõem o Movimento dos Quintais Brincantes.

Palavras-chave: quintais, terreiro, cosmofobia, encantamento, crianças

Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-xi-encontro-de-pesquisa-em-educacao-ambiental>

Lattes¹: <http://lattes.cnpq.br/006557065201114>

Lattes²: <http://lattes.cnpq.br/1286317149288592>

Maria Emilia Pereira Limeira Martins

Minibio: Maria Emília é pedagoga, cientista ambiental e mestra em educação. Professora da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Título: Jardim na escola e suas contribuições para o desemparedamento infantil

Resumo: Com a expansão das grandes cidades e a ideia de que elas proporcionariam melhores oportunidades e condições de vida, a maior parte da população brasileira, hoje, se encontra nos centros urbanos, onde os ambientes naturais são suprimidos em velocidade crescente. Conforme perpassam gerações, principalmente na lógica ocidental, os seres humanos perdem mais contato com o meio natural. Não nos sentindo parte dele, vimos nos enclausurando em ambientes privados e fechados na maior parte do tempo. A ausência de espaços naturais onde as crianças possam vivenciar experiências essenciais e exercitar seus sentidos vem sendo notada por muitos pesquisadores e é considerada um grande problema na atualidade, sendo a natureza vista inclusive como fator que possa amenizar alguns problemas de saúde e desenvolvimento. Reivindicando a natureza como um direito humano, e o brincar um direito das crianças, o presente estudo toma por base o conceito de emparedamento infantil, cunhado por Tiriba (2005), buscando entender de que maneiras esse fenômeno vem ocorrendo para crianças de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro. Utilizando-nos da metodologia sociopoética, a partir de vivências em jardins nas áreas externas da instituição, pudemos pensá-los como espaços que, ao despertar sentidos para além da racionalidade, possam ser agregadores de uma educação mais integrativa com nossas capacidades biofílicas e, assim, contribuir para que os alunos sintam-se menos emparedados no espaço escolar.

Palavras-chaves: Infância; Natureza; Desemparedamento; Brincar; Escola.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/165134951422033>

Marina Di Napoli Pastore

Minibio: Docente no curso de Licenciatura em Terapia Ocupacional no Instituto Superior de Ciências de Saúde, Maputo, Moçambique - Acordo de Cooperação Internacional: Escola Superior de Saúde do Alcoitão, Portugal. Pós-doutora em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba - CRIAS: Criança, Sociedade e Cultura. Doutora em e Mestra em Terapia Ocupacional - UFSCar.

Título Tese: O brincar, as crianças e a infância: relatos ao sul de Moçambique

Resumo: Nos últimos anos, as pesquisas e estudos com crianças têm se debruçado para além das teorias europeias e norte-americanas, e aprofundado um olhar e atenção para as distintas realidades e contextos sociais. Em Moçambique, país localizado na África Subsaariana, o brincar é, muitas vezes, ocultado nas pesquisas e nas políticas, dando lugar às faltas e indisponibilidades de acesso e participação, como é o caso das violências, guerras e traumas diversos. Com o objetivo de mostrar as diversas faces do brincar e das infâncias possíveis no país, esse trabalho traz, a partir de pesquisa etnográfica nos últimos 12 anos, as percepções das crianças sobre o brincar, as brincadeiras, as construções de brinquedos, a ancestralidade, a espiritualidade, e as formas como esse brincar passa de forma intergeracional. Aos estudiosos das infâncias, cabe pensar esse novo referencial que integra as crianças africanas e fora do eixo europeu/norte-americano, bem como suas realidades e formas de conhecer e encarar os processos que as fazem crianças em seus tempos e espaços.

Palavras-chave:

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6503869870939841>

Mauro Guimarães

Minibio: Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986), com especialização em Ciências Ambientais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1991), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1996) e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2003). Pós-Doutoramento em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso (2015) e na Universidad de Santiago de Compostela/ES (2020). Professor pesquisador do quadro

permanente do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Professor da Graduação de Geografia e Pedagogia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS). Coordenador do GT 22 de Educação Ambiental na ANPEd no período 2013-2015. Atuação na área de Educação, com ênfase em Educação Ambiental. Palestrante, autor de livros e artigos na área.

Título: A formação de educadores ambientais na urgência da crise civilizatória.

Resumo: A emergência climática reflete a gravidade da crise civilizatória que vivemos. A degradação socioambiental causada pelo modo de vida da modernidade que se globalizou, demanda a urgente formação de educadores ambientais como agentes potencializadores de movimentos de transformação dessa realidade socioambiental. Acreditamos que para transformações significativas necessárias para a construção de um modo de vida sustentável, necessitamos de processos formativos que provoquem educadores em transformação para que sejam transformadores. Elaboramos assim uma proposta teórico-metodológica, a ComVivência Pedagógica, que pretende formar educadores em convivência com outros modos de vida, em outros referenciais epistemológicos.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Formação de Educadores; Crise Socioambiental.

Artigo: GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. Revista Diálogo Educacional, v. 17, n. 55, p. 1574-1597, 2017.

Livro: GUIMARÃES, M. Educação Ambiental e a ComVivência Pedagógica: emergências e transformações no século XXI. Campinas, Papirus Editora, 2021.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5382444630321221>

Mônica Oliveira¹ e Renata Penha²

Minibio¹: doutoranda em Ensino em Biociências e Saúde (PGEBS/IOC/FIOCRUZ), Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências (Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis / UFRJ), especialização em Neurociências Aplicada à Aprendizagem (Instituto de Psiquiatria/UFRJ), especialização em Meio Ambiente (UFRJ), integrante do GITAKA, idealizadora do Instituto Conexão Natureza.

Minibio²: Professora efetiva da Rede Municipal de Educação, professora da Educação Infantil, trabalha com crianças de 4 a 5 anos de idade desde o ano de 2014 da . Atualmente trabalha na sala de Recursos da Educação Infantil da Cidade de Rondonópolis-MT.

Título: Emparedamento na Educação Infantil: Pesquisas realizadas em dois estados brasileiros, Mato Grosso e Rio de Janeiro.

Resumo: Pesquisas apontam o emparedamento das crianças na educação infantil em ambientes artificiais por até 10 horas diárias, confinadas em sala de aula. Aprisionadas nesses ambientes, sem contato com o sol, a terra, o ar, e impossibilitadas de brincar ao ar livre, as crianças estão adoecendo, comprometendo o desenvolvimento integral saudável nessa importante fase da infância. Em dois estados brasileiros, Mato Grosso (MT) e Rio de Janeiro (RJ), duas pesquisas buscam respostas para um mesmo propósito: Que cultura e concepções os/as profissionais de educação infantil têm sobre o desemparedar? Onde a natureza se encontra na vida cotidiana das crianças na educação infantil? Para responder a essas questões, uma pesquisa de mestrado foi realizada em 2022 na cidade de Rondonópolis (MT), intitulada “As crianças e as relações com a natureza nos espaços de Educação Infantil”, com o objetivo de compreender a relação entre criança e natureza nos espaços das unidades de Educação Infantil do município. Foram coletados relatos de professoras da Rede Municipal que trabalham com crianças de 4 e 5 anos. Adotou-se uma abordagem qualitativa e método autobiográfico. A coleta dos dados foi via Google Forms, disponibilizado pelo aplicativo WhatsApp. Participaram da pesquisa 29 professoras. Os resultados mostraram que na unidade em que trabalham 65% possui espaço para o brincar ao ar livre, mas em relação ao contato da criança com esse espaço 40% sinalizaram que não é bom, e sobre a frequência das crianças nesses espaços 62% responderam que é até 2 vezes por semana ou nenhuma. Nos relatos das professoras, as crianças apontam o interesse pela aprendizagem desemparedada, para o que é livre. Esses resultados mostram que os saberes docentes são fundamentais na construção de um currículo voltado à valorização do contato direto entre criança e natureza. Na pesquisa realizada no estado do RJ o objetivo foi levantar as concepções de profissionais da educação infantil sobre aprendizagem infantil ao ar livre. Os instrumentos de coleta de dados foram questionários online. Participaram 103 profissionais da educação infantil do estado do Rio de Janeiro (RJ) – 100% mulheres, 90% trabalham em creches comunitárias e públicas. Os resultados revelaram que 74% trabalham de manhã e tarde, 68% das profissionais ficam até 10 horas na creche, 40% sinalizaram que na creche não possui área verde ou espaços verdes próximos, 92% das crianças brincam ao ar livre durante duas horas ou menos por dia, quando brincam. Consideramos que o processo de urbanização tem colocado de lado a Natureza, como uma espécie de abandono ao que é natural, neste contexto de desmonte

é importante pensarmos que a criança é um ser da Natureza. Não é possível ensinar às crianças apenas a “gostar” da Natureza, é necessário que os educadores promovam o encontro, experiências afetivas, para que elas sejam afetadas pelo ambiente natural, que estabeleçam vínculos para compreender, experimentar e principalmente vivenciar, pois as experiências das crianças com o mundo são fundamentais para estabelecer relações e fortalecer laços com aquilo que nos constitui, porque Somos Natureza.

Palavras-chave: Desemparedamento, brincar ao ar livre, educação infantil, criança-natureza.

Lattes¹: <http://lattes.cnpq.br/9295219462830967>

Lattes¹: <https://lattes.cnpq.br/4845487202761312>

Nathan Rosa

Minibio: Pedagogo pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Doutorando no programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia da USP. Tem interesse em pesquisas e práticas que dialogam com campos de estudos que interseccionam Infâncias e Naturezas em uma perspectiva decolonial. Também atua como Professor da Educação Infantil e oficinairo. Orientadora e co-autora: Marilene Proença Rebello de Souza

Título: Educação, Infâncias e Naturezas: Um diálogo decolonial

Resumo: Esta é uma pesquisa que tem como objetivo geral compreender as dimensões epistêmicas que sustentam os discursos curriculares acerca das temáticas de natureza e cultura, utilizando como aporte teórico o Enfoque Histórico-Cultural e estudos decoloniais. O percurso metodológico baseia-se em levantamento documental-conceitual e análise de documentos curriculares em âmbitos federal e municipal que estabelecem diretrizes, orientações para os currículos escolares, tendo como recorte a Educação Infantil II (crianças de 4 e 5 anos) e o 1º ano do Ensino Fundamental (crianças de 5 e 6 anos). Alguns dos resultados preliminares: (i) a aproximação com o caráter polissêmico que o conceito de natureza pode assumir no currículo e o diálogo com uma educação antirracista; e (ii) desnaturalização das violências individuais, institucionais, e estruturais que configuram o racismo ambiental e injustiças socioambientais em algumas cidades brasileira; (iii) aproximação da concepção de Cidade das Crianças e a desconstrução de planejamento urbano adultocentrado. A relevância científica desta pesquisa encontra-se na consideração

e legitimação do direito das crianças ao contato com a natureza e, as diferentes culturas e a poderem se conectar, compartilhar, construir laços ancestrais com os demais seres viventes, além de brincar com as demais formas de vida e terem uma cidade com o território pensado por e para elas e com intencionalidades educativas. Considera-se que o estudo tenha um impacto positivo na formação integral das crianças ao considerar a cidade como território educativo.

Palavras-chave: Educação; Infâncias, Natureza; Cultura; Escolarização. Decolonialidade; Currículo, Desemparedamento; Planejamento Urbano; Desenvolvimento integral

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4308348472664328>

Priscila Basílio

Minibio: Doutora em Educação pela UFRJ. Professora do CAP-UFRJ setor de Educação Infantil. Coordenadora do projeto de extensão e pesquisa Currículo em Movimento na Educação Infantil (CEIMOV-UFRJ). Integrante do Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GITAKA). Coordenadora da Educação Básica Núcleo Afro-brasileiros e Indígenas da UFRJ. Integrante do Movimento Interfóruns de Educação Infantil (MIEIB).

Título: Currículo – selvagem

Resumo: Um currículo–selvagem, é uma mudança de paradigma, um resgate da ancestralidade, um resgate a uma força de viver fora do domesticado, do homogêneo, da suposta civilização. Trazer a palavra selvagem como força que impulsiona o desejo, que rompe com que é estabelecido, com o padronizado. Adotamos o pensamento de Krenak de colocar de cabeça para baixo essa civilização atual e, por que não, também colocar as instituições de educação infantil de cabeça para baixo, em movimentos outros que permitam a alegria, o cantar e o dançar. Acredito que esse é um elemento importante e que me vem mobilizando “a ideia de que a vida é selvagem poderia incidir sobre a produção do pensamento urbanístico hoje” (KRENAK, 2022, p.63). Como um currículo-selvagem poderia confluir para pensar/sentir outras forças nas escolas da infância? “é uma convocatória, uma rebelião do ponto de vista epistemológico, de colaborar com a produção da vida” (idem). Como cantar, dançar e assim fugir da tristeza ou euforia absoluta que o capitalismo quer nos impor, empobrecendo nossa existência? Existe uma necessidade de

convocarmos cartografias afetivas, alianças contracoloniais que nos permitam escapar dessa formatação capitalista hegemônica.

Palavras-chaves: Infância; Natureza; Desemparedamento; Brincar; Escola.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0355349630299192>

Ricardo Fletes Corona

Minibio: Ricardo Fletes Corona se formó como psicólogo, como antropólogo social (maestría) y como doctor en sociología (pelo IUPERJ). Estudia poblaciones de calle, con énfasis en infancia, los contextos socioculturales de esta población, sus familias y las políticas sociales dirigidas a ellos, así como los vínculos entre educadores de rua, programas gubernamentales y no gubernamentales. Ha publicado diversos libros y artículos, es profesor y jefe del Departamento de Desarrollo Social en la Universidad de Guadalajara.

Título: "Chilpayatl y decolonialidad".

Resumo: Una visión telegráfica de la Conquista de la hoy llamada Latinoamérica, permite entender mejor, la respuesta, tardía por cierto, de la categoría decolonialidad.

La lengua Nahuatl, tiene muchas variantes de acuerdo al grupo nativo y la región geográfica. Esa es una primera señal de la riqueza dialectal que la conquista vino a tratar de borrar, de unificar. Lo mismo sucedió con las culturas, los dioses, la relación ser humano-naturaleza, de los grupos originarios de esta parte del mundo. El concepto de infancia nos puede mostrar los efectos de la conquista y su recuperación nos puede mostrar en la práctica una mirada más amplia y crítica, a manera de ejemplo de las posibilidades de la mirada decolonial.

Palabras clave: Chilpayatl, decolonialidad, infancia, recuperación.

Tagore Mendes

Minibio: Educadora, mãe, bióloga (UFRJ) e mestra em Educação (PPGEdu/UNIRIO). Membro do Grupo Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GITAKA/UNIRIO), educadora socioambiental pela Ecobé – Ciência com Vida e Espaço Educação, voluntária na Associação Cultural Quilombo do Camorim (ACUCA) com 14 anos de experiência em Projetos Socioambientais.

Título: INFÂNCIA NO QUILOMBO DO CAMORIM NO MACIÇO DA PEDRA BRANCA/RJ E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO NATURAL MANIFESTADA NO BRINCAR

Resumo: A partir do inquietamento com a educação hegemônica a qual dociliza o corpo docente e discente em espaços escolares emparedados com práticas desconectadas com o universo natural, esse trabalho provoca reflexões a respeito das infâncias e seus corpos-territórios a partir de uma realidade quilombola urbana desemparedada. Com o objetivo de investigar as infâncias quilombolas pertencentes à comunidade do Quilombo do Camorim/RJ e sua relação com o mundo natural manifestada no brincar, o projeto se deu por meio da formação de vínculo de confiança entre a pesquisadora e o grupo social em questão, em uma pesquisa-intervenção com a análise da interação das crianças com elementos naturais e sua afetação no âmbito do corpo, comportamento e simbologias presentes nos valores comunitários locais. Descrevemos quais as concepções de natureza e que conexões/relações as crianças residentes do Quilombo do Camorim possuem na intimidade ancestral com o território. Com o brincar que vem do corpo, a investigação se desdobra em uma metodologia teórico-orgânica, seguindo a ética do cuidado, buscando entender esse corpo-território.

Palavras-chaves: infância quilombola; infância-natureza; brincar; corporeidade; ancestralidade; território; Educação Ambiental.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5453276679354222>

Tatiana Mello

Minibio: Sou mulher branca de raiz sertaneja, filha de migrantes do Interior do Rio Grande do Norte e mãe do Pedro Augusto (15 anos) e Maria Alice (13 anos). Como docente-defensora da Ética do Cuidado, nutro o desejo e o sonho de uma sociedade sem marginalizados na vida/obra de Paulo Freire, Madalena Freire, Freinet, Vygotski, Wallon, Benjamin, Boff, Mallaguzzi, Tiriba, Lima e de minhas companheiras e companheiros educadores que também desejam uma educação básica transformadora. Atualmente, membro e doutoranda no Grupo de pesquisa Infâncias Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental - Gitaka/Unirio e membro do GRUPO de Estudos e Pesquisa em Psicomotricidade do Colégio Pedro II, tenho a alegria de VIVENCIAR e EXPERIMENTAR a docência na Educação Infantil e na Pós-graduação em Psicomotricidade, compartilhando experiências e estudos com graduandos e pós-graduandos. Graduada em Pedagogia pela

UERJ, especialista em Educação Infantil pela Puc-Rio, Mestre em Educação Brasileira pela Puc-Rio, orientada pela professora Sônia Kramer.

Título: A Perspectiva Ecosófica pelo direito à Alegria nas ações de Formação em EDUCAÇÃO do Gitaka/UNIRIO

Resumo: O presente trabalho terá como foco espionar as diferentes ações de formação docente realizadas pelo GITAKA- Grupo Infâncias Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental nos últimos seis anos – antes, durante e após a pandemia - de 2018 a 2023, junto às Secretarias de Educação Municipais de diferentes regiões do Estado do Rio de Janeiro e outros municípios do Brasil, compondo-nos em narrativas fotográficas e depoimentos que possam continuar gerando a infancialização¹ das nossas pesquisas nos nossos próximos ciclos de vida. Beberemos nas fontes daqueles que já se sentiram tocados, atravessados por nossa metodologia contracolonial-teórico-brincante² em torno de nossas Infância(s), Corpo(s), Natureza(s) e Empoderamento político(s).

¹Conceito defendido por Renato Nogueira

²Conceito defendido por Lea Tiriba, Lucia Cavallieri e Tatiana Mello

Palavras-chaves: (desterritorialização, alegria e formação de educadores

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5106357228838181>

Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos Santos

Minibio: Doutora em Educação (Bolsista Capes) pelo Programa de Doutorado em Educação - PPGE - UNIVALI (2016). Estágio de Doutorado no Centre de recherche en éducation et formation relatives à l'environnement et à l'écocitoyenneté (Centr'ERE), UQAM - Université du Québec a Montreal - Montreal, Canadá (2015), (Bolsista Capes). Mestre em Educação pelo PPGE - UNIVALI (2010). Graduação em Pedagogia pela UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí - SC (2001). Vice-líder do Grupo de Pesquisa “Infância, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental” - UNIRIO. Formadora e Assessora na área de Educação Infantil nos temas de Documentos Reguladores e Prática Docente. Professora de Educação Infantil de Rede Pública de Ensino.

Título: Desemparedando a Formação Continuada: construindo territórios desemparedados para a infância

Resumo: O presente estudo tem como objetivo apresentar alguns contributos que emergiram do projeto de formação continuada, realizado no ano de 2021 pela Secretaria

Municipal de Educação de Camboriú (SC) em parceria com Grupo de Pesquisa "Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GiTaKa)" da UNIRIO. A parceria estabelecida para realizar o percurso formativo, teve como objetivo construir subsídios para a reestruturação do Projeto Político Pedagógico (PPP), das unidades de ensino do sistema público que atendem a etapa da Educação Infantil.

Palavras-chave: Projeto Político Pedagógico (PPP); Formação Docente; Desemparedamento da Docência.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2601360900408557>

